



## **AS BRECHAS POSSÍVEIS EM UMA VIDA NA “CORDA BAMBÁ”: COMUNISTAS E INDÚSTRIA CULTURAL NA OBRA *INTELECTUAIS PARTIDOS***

**Rodrigo Francisco Dias\***  
**Universidade Federal de Uberlândia – UFU**  
[dias.rodrigof@gmail.com](mailto:dias.rodrigof@gmail.com)

Aqueles que criticam o *status quo* da sociedade nem sempre encontram facilidades para atuar politicamente. Muitas vezes, grupos que buscam mudanças na realidade vivenciada precisam lidar com situações adversas colocadas pelos grupos interessados em manter as coisas como estão. Desse ponto de vista, as trajetórias dos militantes ligados ao Partido Comunista Brasileiro, o PCB,<sup>1</sup> são exemplos de como, a despeito de todas as dificuldades, perseguições e violências impostas pelos setores dominantes,<sup>2</sup> é sempre possível atuar politicamente no sentido da crítica à ordem vigente.

De fato, o PCB teve que organizar as suas atividades, durante parte considerável de sua história, na condição de clandestinidade que historicamente marcou as experiências daqueles ligados ao partido. Perseguidos, vigiados, presos, torturados e, em muitos casos, assassinados, os comunistas do Partidão não tiveram vida fácil. De qualquer modo, mesmo com as dificuldades encontradas, eles conseguiram em vários

---

\* Mestrando em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG) e integrante do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura (Nehac).

<sup>1</sup> Fundado em 1922 com o nome Partido Comunista do Brasil, o PCB passou a se denominar Partido Comunista Brasileiro a partir de 1960, na tentativa de sair da sua condição de ilegalidade. A sigla PCB, contudo, foi mantida.

<sup>2</sup> A esse respeito é instigante a trajetória do comunista Carlos Marighella (1911-1969). O jornalista Mário Magalhães, na recente biografia intitulada **Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo**, mostra as várias adversidades enfrentadas pelo baiano ao longo de sua vida dentro e fora do PCB, tais como violência, tentativas de homicídio, prisões, torturas, etc. Ver: MAGALHÃES, Mário. **Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo**. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

momentos ocupar espaços, disseminar suas ideias e enfrentar o autoritário Estado Brasileiro. Posto isso, o recentemente lançado livro **Intelectuais Partidos: os comunistas e as mídias no Brasil** nos proporciona interessantes análises acerca dos modos de atuação de intelectuais de esquerda ligados ao PCB, notadamente durante o século XX.

O livro é organizado por Marco Roxo e Igor Sacramento,<sup>3</sup> profissionais oriundos da área de Comunicação, e reúne textos de Muniz Gonçalves Ferreira, Ana Paula Palamartchuk, Dênis de Moraes, Marcos Napolitano, Marcelo Badaró Mattos, Jayme Lúcio Fernandes Ribeiro, Valéria Lima Guimarães, Rodrigo Czajka, Rosangela Patriota, Arthur Autran e também dos dois responsáveis pela organização da obra, Roxo e Sacramento. Os autores dos capítulos são pesquisadores da área das Ciências Sociais e das Humanidades, notadamente História, Comunicação e Sociologia. A respeito do título da coletânea, os organizadores dão a seguinte explicação:

Depuração ideológica, replanejamentos político-estéticos, amargura e ressentimento dão significados, nesta coletânea, ao termo “intelectuais partidos”. Partidos em função dos dilemas que viveram como militantes e simpatizantes do PCB e, ao mesmo tempo, produtores culturais. Partidos em função do caráter militante com que as atividades artísticas e jornalísticas eram encaradas décadas passadas. Partidos em função dos dramas pessoais e necessidades materiais que os faziam recorrer ao Partido e/ou amigos conservadores para garantir a sobrevivência sua e de seus familiares. Partidos em função da militância clandestina e da dura disciplina partidária à qual muitas vezes eram obrigados a se submeter.<sup>4</sup>

Posto isso, temos que o livro vai acompanhar as trajetórias dos comunistas no âmbito das diversas mídias no Brasil, tais como jornais impressos, literatura, cinema, teatro, rádio e televisão. Esses percursos de vida, trabalho e militância política foram marcados por dificuldades, contradições, discussões e divisões. Enfrentando conjunturas quase sempre desfavoráveis, seja do ponto de vista político (perseguições, prisões, etc.) seja do ponto de vista profissional/pessoal (dificuldades financeiras), os integrantes do Partidão que também eram produtores de cultura precisaram encontrar brechas na

<sup>3</sup> ROXO, Marco; SACRAMENTO, Igor (Orgs.). **Intelectuais Partidos: os comunistas e as mídias no Brasil**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2012.

<sup>4</sup> Ibid., p. 8-9. Marco Roxo e Igor Sacramento também afirmam que o título “Intelectuais Partidos” fora escolhido com o intuito de fazer referência à obra **Homens Partidos: comunistas e sindicatos no Brasil**, de Marco Aurélio Santana.

indústria cultural não só para a sua atuação política, mas também para garantir a própria sobrevivência.

Tendo em vista essas questões, os textos apresentados em **Intelectuais Partidos** estão divididos em três grandes grupos. O primeiro, “Os intelectuais e as políticas culturais comunistas”, é composto pelos textos de Muniz Gonçalves Ferreira, Ana Paula Palamartchuk, Dênis de Moraes e Marcos Napolitano. Esses textos exploram as formas como o PCB se posicionou no que diz respeito ao campo cultural, ao longo da história do Brasil no século XX. Neste sentido, os intelectuais ligados ao partido tiveram que enfrentar o dilema de seguir ou não as orientações da organização. Os textos que compõem essa primeira parte salientam a participação dos comunistas, e do PCB, no debate cultural brasileiro ao longo dos anos. Tendo em vista a constante condição de clandestinidade, os intelectuais do Partidão procuraram meios dentro da indústria cultural para veicular suas ideias.

Sob esse prisma, a “geração de 30” da literatura brasileira, formada por autores como Jorge Amado, Graciliano Ramos e outros, dedicou-se a uma arte voltada para a crítica social, tal como mostra Ana Paula Palamartchuk.<sup>5</sup> No que diz respeito às relações entre literatura e comunismo no Brasil, é instigante a trajetória do escritor Graciliano Ramos. Em seu texto, o pesquisador da área de Comunicação Dênis de Moraes destaca que, mesmo “cooptado” pelo Estado Novo, Ramos manteve-se fiel aos seus ideais.

Os caminhos trilhados por Graciliano Ramos nos mostram as complexas relações entre os artistas e as orientações do partido: membro do PCB, Ramos fez críticas ao Partidão e às determinações vindas de Moscou quando julgou adequado fazê-las. Pensando em percursos como este, Dênis de Moraes faz uma importante observação a respeito das formas de atuação política dos intelectuais no Brasil:

O estudo das relações entre a intelectualidade, a cultura e a política no Brasil implica examinar tensões entre três quadros cíclicos, que, não raro, se entrelaçam: a) cooptação de segmentos da elite pensante pelas esferas de poder e os problemas daí decorrentes; b) contestações de escritores e artistas às estruturas hegemônicas, com diferentes estratégias e táticas de ação; c) interferências ideológicas sobre a criação cultural e limites à liberdade de expressão. Em qualquer dos cenários, os intelectuais equilibram-se em uma corda bamba entre os ideários estéticos, as convicções filosóficas e as dificuldades de sobrevivência em um País onde suas atividades prosperam em torno

---

<sup>5</sup> Cf. PALAMARTCHUK, Ana Paula. Intelectuais, esquerdas e cultura no Brasil: os anos 30. In: ROXO, Marco; SACRAMENTO, Igor (Orgs.). **Intelectuais Partidos: os comunistas e as mídias no Brasil**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2012, p. 43-72.

da vida acadêmica, da mídia, do serviço público e de apoios governamentais.<sup>6</sup>

Esses apontamentos de Moraes são úteis quando se pensa, por exemplo, no problema da “cooptação” de intelectuais e artistas por parte do governo ou de empresas. Antes de julgarmos as atitudes tomadas por esses sujeitos históricos, é preciso que levemos em conta a “corda bamba” na qual eles precisaram caminhar ao longo de suas vidas, entre questões de ordem ideológica, política e financeira. Intelectuais como Graciliano Ramos, por exemplo, encontraram diversas dificuldades ao longo de suas trajetórias e tiveram que atuar dentro dos espaços disponíveis, nem sempre conseguindo fazer tudo aquilo que realmente queriam ou gostariam, mas ainda assim procurando fazer a crítica da realidade social vivenciada.

A segunda parte do livro se chama “As mídias comunistas” e é composta por textos de Marcelo Badaró Mattos, Jayme Lúcio Fernandes Ribeiro, Valéria Lima Guimarães e Rodrigo Czajka. Nesta parte destaca-se a importância dada pelas análises à imprensa comunista nos anos 1940, 1950 e 1960. Estes jornais, como mostram os autores, foram importantíssimos para a divulgação de ideias e a realização de debates, seja porque procuravam olhar para os problemas sociais do país de maneira mais crítica seja porque procuravam também dialogar com a cultura popular (futebol e samba).

No que diz respeito à imprensa comunista no Rio de Janeiro durante as décadas de 1940 e 1950, por exemplo, temos que ela era formada por jornais como o **Tribuna Popular** e o **Imprensa Popular**, periódicos que falavam bastante dos problemas da cidade do Rio de Janeiro, em uma postura que se distanciava daquela de jornais conservadores como **O Globo**. Nesta perspectiva, o texto de Jayme Lúcio Fernandes Ribeiro<sup>7</sup> é bastante instigante, visto que demonstra como a imprensa comunista batia de frente com a ideia do Rio como a “cidade maravilhosa”, orientando-se muitas vezes

---

<sup>6</sup> MORAES, Dênis de. Graciliano no fio da navalha: cooptação, engajamento e resistência. In: ROXO, Marco; SACRAMENTO, Igor (Orgs.). **Intelectuais Partidos: os comunistas e as mídias no Brasil**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2012, p. 73.

<sup>7</sup> Cf. RIBEIRO, Jayme Lúcio Fernandes. A imprensa comunista e a experiência democrática: cotidiano carioca e programação cultural nas páginas dos jornais (1945-1958). In: ROXO, Marco; SACRAMENTO, Igor (Orgs.). **Intelectuais Partidos: os comunistas e as mídias no Brasil**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2012, p. 145-179.

pelos preceitos do “realismo socialista”<sup>8</sup> na sua crítica aos problemas sociais enfrentados, sobretudo, pelos trabalhadores.

A terceira parte do livro, por sua vez, se chama “Os comunistas nas mídias” e é formada por capítulos escritos por Marco Roxo, Rosangela Patriota, Arthur Autran e Igor Sacramento. Os textos desta parte destacam-se por mostrar a complexidade que marcou a trajetória de intelectuais e artistas comunistas no âmbito da indústria cultural. O texto de Marco Roxo, por exemplo,<sup>9</sup> se volta para o trânsito de profissionais entre a imprensa comunista (jornais ligados ao PCB) e a imprensa de massa (jornais como **O Globo**). Lembrando o papel atribuído à imprensa pela teoria da revolução de Lênin,<sup>10</sup> bem como o impacto provocado pela denúncia dos crimes praticados por Stálin, Roxo aponta para o fato de o PCB ter, no fim dos anos 1950, optado por uma via reformista e pacífica para a revolução. Nesta perspectiva, segundo o autor, o Partidão defendeu, já no contexto da Ditadura Militar (1964-1985), a ideia de

ocupar “por dentro” as organizações da sociedade civil toleradas pelo regime militar e direcioná-las na formação da política aliancista. No caso do campo cultural, isto implicou no gradativo abandono pelos militantes de formas mais artesanais de arte como forma de educar as massas e a inserção dos mesmos na Indústria Cultural.<sup>11</sup>

Sob esse prisma, a atuação de jornalistas comunistas em periódicos liberais e conservadores deve ser entendida, como nos mostra Roxo, a partir da posição tomada pelo PCB de ocupar espaços. Sendo “bons profissionais” e dispondo, muitas vezes, de

<sup>8</sup> O chamado “realismo socialista” surgiu na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas durante a década de 1920. Contudo, foi a partir do I Congresso de Escritores Soviéticos em 1934, com destaque para os papéis desempenhados por Andrei Jdanov e Máximo Gorki, que o realismo socialista encontrou o seu lugar como doutrina e estética oficial do Estado soviético no âmbito do stalinismo. O realismo socialista caracteriza-se por uma exaltação das classes trabalhadoras, por meio de uma representação “fiel” da vida e das dificuldades enfrentadas pelo proletariado no contexto da exploração capitalista. Neste tipo de “realismo” há uma recusa do subjetivismo e a defesa da ideologia comunista. Sobre o “realismo socialista”, consultar: STRADA, Vittorio. Da “revolução cultural” ao “realismo socialista”. In: HOBBSAWM, Eric J. (Org.). **História do Marxismo** – o marxismo na época da terceira internacional: problemas da cultura e da ideologia. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sergio N. Henriques e Amélia Rosa Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 109-150. v. 9; HOBBSAWM, Eric J. Do “realismo socialista” ao zhdanovismo. In: Ibid. p. 151-219. No que diz respeito às relações entre realismo socialista e imprensa comunista no Brasil, ver: MORAES, Dênis de. **O Imaginário Vigiado**: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53). Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

<sup>9</sup> ROXO, Marco. A identidade profissional à esquerda: as relações entre jornalismo e comunismo no Brasil. In: ROXO, Marco; SACRAMENTO, Igor (Orgs.). **Intelectuais Partidos**: os comunistas e as mídias no Brasil. Rio de Janeiro: E-Papers, 2012, p. 241-263.

<sup>10</sup> A respeito deste assunto, consultar: LENIN, Vladimir Ilitch. **Que Fazer?**: a organização como sujeito político. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

<sup>11</sup> ROXO, 2012, op. cit., p. 247.

uma rede de contatos que abria portas no mercado de trabalho da indústria cultural, os jornalistas comunistas acabavam atuando de maneira mais discreta dentro dos jornais de massa mais conservadores, afinal de contas, estavam em uma “corda bamba”, como bem dissera Dênis de Moraes.

O texto de Rosângela Patriota, por sua vez,<sup>12</sup> se ocupa dos dramaturgos brasileiros de esquerda do século XX. A autora inicia suas reflexões a partir do legado deixado por artistas dos anos 1930, tais como Oduvaldo Vianna, Joracy Camargo e Oswald de Andrade, legado esse que propiciou “o surgimento do engajamento de esquerda no teatro brasileiro”<sup>13</sup> durante as décadas seguintes. Posto isso, Rosângela Patriota aborda o diálogo entre arte e política realizado por artistas que receberam tal legado.

Os dramaturgos elencados pela autora são Gianfrancesco Guarnieri, autor de **Eles não usam Black-Tie** (1958) e **Um Grito Parado no Ar** (1973), Augusto Boal, autor de **Revolução na América do Sul** (1960) e Oduvaldo Vianna Filho, o Vianinha, autor de **A Mais-Valia vai acabar, Seu Edgar, Quatro Quadras de Terra** (1963), **Os Azeredo mais Os Benevides** (1964) e **Papa Highirte** (1968), além das instigantes obras escritas nos anos 1970: **Corpo a Corpo**, **A Longa Noite de Cristal**, **Allegro Desbum** e **Rasga Coração**. Em suas análises dos referidos textos, Rosângela Patriota mostra como estes dramaturgos pensaram a necessidade de transformação social no Brasil, bem como a problemática da indústria cultural e o papel a ser desempenhado pelo intelectual na sociedade brasileira.

Já no que concerne à atuação de comunistas no meio cinematográfico brasileiro, a obra **Intelectuais Partidos** nos apresenta o capítulo de autoria de Arthur Autran.<sup>14</sup> O autor estabelece como recorte temporal de suas reflexões o período que vai da produção do documentário **Comício – São Paulo a Luiz Carlos Prestes**, de Ruy Santos (1945), ao ano da produção de **Eles não usam Black-Tie**, de Leon Hirszman (1981), abordando filmes dirigidos por diversos cineastas comunistas. Por ser um

---

<sup>12</sup> PATRIOTA, Rosângela. Dramaturgos de esquerda: experiências estéticas e políticas do Brasil do século XX. In: ROXO, Marco; SACRAMENTO, Igor (Orgs.). **Intelectuais Partidos: os comunistas e as mídias no Brasil**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2012, p. 265-296.

<sup>13</sup> Ibid., p. 271.

<sup>14</sup> AUTRAN, Arthur. Cineastas comunistas no Brasil. In: Ibid., p. 297-324.

intervalo de tempo longo, no qual a sociedade brasileira passou por intensas transformações, o autor divide o período em intervalos menores.

Segundo Arthur Autran, o período entre os anos de 1945 e 1949 foi marcado pela questão da clandestinidade do PCB e pela dificuldade enfrentada pelo Partidão e por seus cineastas na produção de diversos filmes. Contudo, a partir de 1950 até 1963, cineastas ligados ao PCB vão fazer filmes marcados pelo “realismo socialista” e pelo “nacional-popular”. Já a partir do golpe civil-militar de 1964 até o ano de 1981, o PCB passa por um processo de perda de espaço junto aos cineastas, o que não significa o abandono dos ideais marxistas por esses artistas.

Algo que merece ser destacado no texto de Autran é o debate apresentado pelo autor ao fim de suas reflexões, quando comenta a obra **Eles não usam Black-Tie**, de Leon Hirszman. Trata-se, nas palavras de Autran, da “tensão” existente “nas relações entre cinema e televisão no Brasil”. O autor afirma que

Particularmente os cineastas ligados à produção de maior expressão cultural – ou, pelo menos, tida enquanto tal em termos sociais – possuíam muitas reservas a respeito da televisão, tanto no sentido ideológico quanto estético. Fazer com que o nacional-popular voltasse a ser pautado pelo cinema, e não pela televisão, foi certamente um dos motores na criação de **Eles não usam Black-tie**.<sup>15</sup>

Certamente, sendo o cinema brasileiro historicamente marcado por muitas dificuldades na produção de filmes e na circulação/exibição dos mesmos junto ao grande público, podemos pensar a postura de certos cineastas descrita por Autran como uma forma de “defesa”, frente a um veículo que se tornou tão importante e hegemônico no Brasil, como é o caso da televisão brasileira. Contudo, é preciso que o leitor tenha em mente que a oposição entre cinema e televisão no campo cultural brasileiro é algo que, se olhado mais de perto, não se configura de maneira tão rígida, especialmente quando nos voltamos, por exemplo, para a trajetória de um cineasta como João Batista de Andrade.<sup>16</sup>

<sup>15</sup> AUTRAN, Arthur. Cineastas comunistas no Brasil. In: ROXO, Marco; SACRAMENTO, Igor (Orgs.). **Intelectuais Partidos: os comunistas e as mídias no Brasil**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2012, p. 322.

<sup>16</sup> Cineasta brasileiro formado politicamente dentro dos quadros do PCB, João Batista de Andrade produziu obras que são consideradas importantes dentro do cinema nacional, tais como **Doramundo** (1977), **Greve!** (1979), **Trabalhadores: Presente!** (1979), **O Homem que Virou Suco** (1980), **Céu Aberto** (1985), **O País dos Tenentes** (1987) e outros. Durante os anos 1970 o diretor trabalhou no meio televisivo brasileiro, no campo do jornalismo, tendo participado de programas como o **Hora da Notícia**, da TV Cultura, e o **Globo Repórter**, da TV Globo. A trajetória do artista e suas falas que rememoram sua vida e sua obra nos mostram o quão complexas são as relações entre cinema e televisão no nosso país. Por mais que muitos cineastas, dentre eles o próprio Batista de Andrade,

É preciso dizer que o debate acerca das relações entre cinema e televisão no Brasil, no qual alguns valorizam a sétima arte nacional enquanto tecem críticas ao meio televisivo está inserido em um quadro mais amplo de preconceito existente em relação à televisão no nosso país, vista como um meio que “emburrece” e aliena a sociedade.<sup>17</sup> Sob esse prisma, merece especial atenção o último texto de **Intelectuais Partidos**: o capítulo escrito por Igor Sacramento. O objeto de estudo do autor é a trajetória do dramaturgo Dias Gomes. No intuito de melhor analisar os percursos do artista, Sacramento pensa de modo mais abrangente as estratégias de uma grande emissora de televisão como a Globo:

Para ampliar a sua influência cultural, a TV Globo contratou novos profissionais oriundos de movimentos estéticos como o Teatro Engajado, o Cinema Novo, os Centros Populares de Cultura da UNE, a MPB etc., conectadas, de diferentes modos, ao “realismo crítico” vigente nos anos 1960. Entre os novos funcionários se destacavam artistas comunistas como o próprio Dias Gomes, Gianfrancesco Guarnieri, Vianinha e Paulo Pontes. A emissora vinculou sua marca a esses nomes, garantindo a produção de trabalhos mais qualificados e a adesão de um público culturalmente mais distinto na tentativa de legitimar a TV como um meio artístico de excelência.<sup>18</sup>

Como se vê houve da parte da Globo a necessidade de contratar profissionais qualificados para elevar o padrão de seus produtos culturais. Posto isso, temos que artistas como Dias Gomes, Guarnieri, Vianinha e Paulo Pontes, mesmo sendo comunistas, interessavam à Globo dado o seu talento e o sucesso anteriormente alcançado por eles em outros trabalhos (Dias Gomes, por exemplo, fizera radionovelas de sucesso anos antes). Já para esses artistas, o trabalho na TV era interessante dada a possibilidade de atingir um público maior. Nas palavras do próprio Dias Gomes:

---

falem mal da TV e denunciem o seu aspecto alienador e fiel aos setores dominantes da sociedade brasileira, o meio televisivo ofereceu em vários momentos oportunidades de trabalho para diversos cineastas. Sobre a vida e a obra de Batista de Andrade, consultar: CAETANO, Maria do Rosário. **Alguma Solidão e Muitas Histórias**: a trajetória de um cineasta brasileiro, ou, **João Batista de Andrade**: um cineasta em busca da urgência e da reflexão. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004; ANDRADE, João Batista de. **O Povo Fala**: um cineasta na área de jornalismo da TV brasileira. São Paulo: Senac-SP, 2002.

<sup>17</sup> Traços desse preconceito podem ser encontrados em vários lugares, situações e produções culturais. Para citarmos um exemplo, basta que lembremos a canção **Televisão**, gravada pela banda brasileira Titãs nos anos 1980, na qual é dito que “A televisão me deixou burro, muito burro demais”. Ver: ANTUNES, Arnaldo; FROMER, Marcelo; BELLOTO, Tony. **Televisão**. In: TITÃS. **Televisão**. São Paulo: WEA, 1985. 1 disco sonoro. Lado 1, faixa 1 (3min40s).

<sup>18</sup> SACRAMENTO, Igor. Dias Gomes e a intelectualidade comunista nas modernizações midiáticas: rádio e televisão (1944-1979). In: ROXO, Marco; SACRAMENTO, Igor (Orgs.). **Intelectuais Partidos**: os comunistas e as mídias no Brasil. Rio de Janeiro: E-Papers, 2012, p. 344-345.



Sempre sonhara viver só de teatro e por duas vezes conseguira, por dois curtos períodos de alguns anos, e tivera que desistir. Minha vida se repetia em ciclos. Por outro lado, seria uma incoerência. Minha geração de dramaturgos – a dos anos 60 – erguera a bandeira do teatro popular, que só teria sentido com a conquista de uma grande platéia popular, evidentemente. Um sonho impossível, o teatro se elitizava cada vez mais, falávamos para uma platéia a cada dia mais aburguesada, que insultávamos em vez de conscientizar. Agora, ofereciam-me uma platéia verdadeiramente popular, muito além dos nossos sonhos. Não seria inteiramente contraditório virar-lhe as costas?<sup>19</sup>

O trabalho na televisão, portanto, significou a possibilidade de dialogar com uma parcela mais ampla da sociedade brasileira. E Dias Gomes procurou estabelecer tal diálogo por meio de novelas como **Verão Vermelho** (1970), **Assim na Terra Como no Céu** (1970-1971), **Bandeira 2** (1971-1972), **O Bem Amado** (1973), **O Espigão** (1974), **Saramandaia** (1976) e **Sinal de Alerta** (1978). Nestes trabalhos, Dias Gomes procurou atender às exigências da emissora e do público, tentando não causar muitos problemas com a censura, ao mesmo tempo em que se esforçava para se manter fiel ao compromisso de analisar e representar criticamente a realidade social do país. Era, mais uma vez, uma verdadeira “corda bamba”.

Pelo exposto acima fica visível o amplo leque de experiências e trajetórias analisadas pelos textos que compõem a obra **Intelectuais Partidos**. Imprensa, literatura, cinema, teatro, rádio e televisão foram as formas de linguagem utilizadas pelos intelectuais ligados ao PCB para atuar politicamente e disseminar suas ideias. Os percursos percorridos por estes artistas nos mostram que a participação ativa dentro do processo histórico pode encontrar o seu lugar nas mais variadas formas de ação, mesmo quando o contexto vivido se apresenta desfavorável.

Por outro lado, as barreiras enfrentadas por esses personagens dentro da própria indústria cultural (os diferentes interesses em jogo) nos fazem lembrar que nem tudo é possível aos sujeitos históricos, há certos limites que impõem sim dificuldades para a atuação política no corpo de uma sociedade marcada pelo autoritarismo, como é o caso da brasileira. Caminhando em uma “corda bamba”, esses personagens certamente tiveram que ceder em alguns momentos, no intuito de não cair.

Analisar a presença de comunistas no campo das linguagens artísticas e da cultura é um exercício interessante, visto que nos mostra que, antes de sairmos julgando

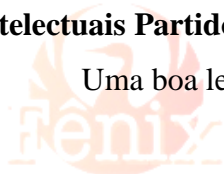
---

<sup>19</sup> GOMES, Dias. **Apenas um Subversivo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p. 255.

a torto e a direito as posições tomadas pelos sujeitos históricos, é preciso que levemos em conta as especificidades dos momentos vividos por eles. Se os ideais de transformação social existem, ou seja, se há a utopia e o desejo de mudança, a realidade prática do cotidiano coloca obstáculos para a realização de tais vontades. Como pensar e o que fazer a respeito? É certo que não existe uma receita única, pronta e acabada para uma eficiente forma de ação política, o próprio livro **Intelectuais Partidos** apresenta uma heterogeneidade nos caminhos possíveis.

De qualquer forma, como a obra organizada por Marco Roxo e Igor Sacramento procura demonstrar, se por um lado não é possível fazer tudo o que se quer, sempre há brechas no sistema que permitem alguma movimentação. Se os sujeitos conseguem caminhar pela “corda bamba” da vida ou se acabam despencando dela, é algo que depende tanto das posturas individuais de cada um quanto das condições históricas colocadas. Em outras palavras, se a ideologia alimenta o sonho e dá forças para seguir em frente, é preciso ter consciência de que o campo da *práxis* exige, muitas vezes, inteligência, flexibilidade e um bom jogo de cintura. É a essa percepção que **Intelectuais Partidos** nos leva a ter.

Uma boa leitura!



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)